

A BATALHA

Redacção, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Officinas de Impressão e Estereotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica das segundas-
feiras—Não se devolvem os originais—Dos
artigos publicados são responsáveis os seus
autores.

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2504

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

DOMINGO, 30 DE JANEIRO DE 1922

Uma nobre afirmação operária

Faz, precisamente, amanhã quinze anos que o operariado ilustrou uma das suas mais belas páginas: a greve geral de 1912. Dezenas de milhar de operários deram, com o seu admirável gesto, uma das afirmações mais eloquentes de solidariedade — da solidariedade que deve unir estreitamente todos quantos são atingidos pela iniquidade da sociedade capitalista.

Contava a República dois anos escassos da sua existência e já ela se mostrava como mais tarde os factos haviam de comprovar: feroz defensora dos privilégios burgueses, inimiga irreconciliável dos humildes e perseguidora à outrance daqueles que com o seu sangue a haviam desinteressadamente implantado.

O povo até ali andava de olhos cerrados e confiava que as promessas feitas nos comícios da propaganda seriam integralmente cumpridas. Rápidamente se desmascararam os tufanos que abominavelmente o tinham ludibriado. Esses revolucionários, que como António José de Almeida chegaram a afirmar que «a questão social se resolveria com uma greve monstro e duas fábricas pelos ares», mal chegaram ao poder romperam na guerra implacável, quase de extermínio, às classes trabalhadoras. Contra eles jogavam todas as armas, incluindo a calúnia. Ousou-se — até onde chegou o cinismo desses propagandistas improvisados pela energia popular em estadistas — acusar os que fizeram a República de vendidos ao dinheiro monárquico!

Fez-se tudo isto para abafar a voz dos que protestavam contra as violências cometidas em vários pontos do país!

Onde a calúnia não chegou, completaram a obra as espingardas e as peças de artilharia. O cerco à Casa Sindical que se deu há quinze anos — 31 de Janeiro — foi um gesto repugnante. Mobilizaram-se regimentos, armaram-se «carbonários» até aos dentes, apetrecharam-se os famosíssimos batalhões voluntários e a sombra de toda esta força intimidaram os operários que estavam reunidos numa casa que era sua, aguardando a chegada duns delegados que tinham ido a Evora, a entregarem-se no prazo dalguns minutos sob a ameaça de serem atacados a tiro de peça!

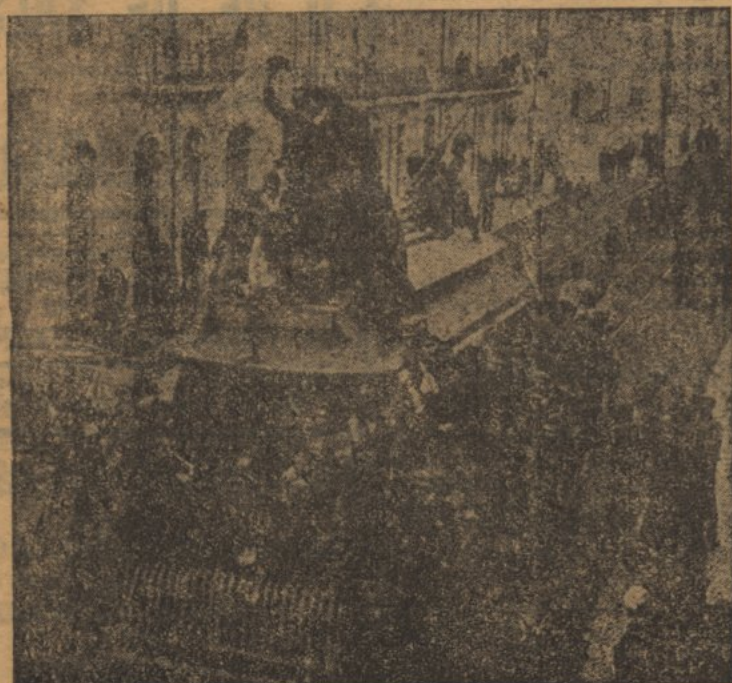
Houve depois a repressão. Encheram-se as cadeias, encheu-se um dos navios de guerra, de operários. Tudo isto para abafar um protesto estridido em sólidas razões de humanidade e justiça!

E a apesar de todas essas violências a organização operária ainda está de pé — e só deixará de existir no dia em que na terra se acabe a casta dos tiranos e dos banqueiros.

INSTRUÇÃO

Jardins-escolas João de Deus

A Direcção da Associação de Jardins-Escolas João de Deus, não podendo, por absoluta falta de recursos, publicar os relatórios e contas da última gerência, previne os seus associados que esses relatórios se encontram na Secretaria do Museu João de Deus (avenida Pedro Álvares Cabral) à disposição de qualquer sócio que dêles deseje tomar conhecimento. Estes relatórios foram enviados às Comissões de Assistência.



Greve geral de 1912—Os grevistas tomando posse dum carro eléctrico e obrigando-o a voltar para a estação de Santo Amaro

1891-31 DE JANEIRO-1912

Duas datas iguais e uma só aspiração

Os laivos de sangue, quente e generoso, que na triste manhã de 31 de Janeiro de 1891 tingiram de rubro a ingreme e trágica calçada da rua de Santo António, não foram a resultante funesta de um simples e impulsivo movimento de rebeldia desordenadamente iniciado contra o insulto, contra a afronta, contra a ameaça tagantemente dirigida, por lord Salisbury, ao lombo enfermeiro de um país agonizante...

Esses rastros (sanguíneos que dos flancos ou das frentes humanas se entornaram, sob os impulsos das balas traiçoiras, pelas pedras descalabradas da cidade do Porto em armas, se tiveram a influência de um acontecimento histórico de violento estulto inglês, em respeito à nossa amável aliada de séculos — tiveram também a animação de um radioso arrebol de finalidades idealistas, cujas intenções de socialismo nivelador, cujos propósitos de liberdade, igualdade e fraternidade tendiam a dispersar a corja feudalitária dos devoristas que consignavam todas as economias do país, todos os recursos da nação em aplicações liquidatárias, às tutelas degradantes dos estrangeiros que insatavelmente expoliavam o chagado corpo de um povo tolhido na pilhheira da fome e da tísica...

Era atendendo a estas aspirações de luminárias ideais, afincadas a desbancarem os monopolistas usurários do bem público, dos seus fômites fraudulentos de predomínio excecível, que o Sargento, órgão revolucionário dos oficiais inferiores do exército, proclamava anteriormente à trágica jornada de 1891: «Debalde os velhos regimes tentam, provocando explosões parciais de socialismo, evitar a sua explosão total. O socialismo-regime é incompartível com outras instituições que não as democráticas. Os sistemas filosóficos do socialismo, que não são o socialismo de Estado, ou o Socialismo da cátedra, escolas de curtas vistas, são francamente democráticos».

Não é sem razão que o Sargento abre sulcos no terreno revolucionário das ideias: «A revolução é o processo natural da evolução. Corresponde à geração heterogênea, que não nos repugna a admitir no domínio da biologia. As revoluções são as ações reflexas do organismo social. As revoluções são fecundas em resultados positivos».

Em harmonia com estes princípios, que, todavia, não estavam isentos de reparos devido à sua incompleta cristalização doutrinária — é que o Sargento apegava em 1.º de Janeiro de 1891: «De um lado está a conservação, dogma falido; do outro está o progresso, princípio proclamado pela ciência, regime alcançado pela luta». «De um lado está o fanatismo do Passado; do outro a religião do Ideal». E em nome deste ideal, «desviemos os olhos deste monturo pestilento, que exala miasmas que nos asfixiam, e volvamos-lhes para a alvorada que desponha no horizonte social... Tomemos as armas nas mãos: e com fé e entusiasmo sonhámos o futuro, que é minorar a nossa sorte ingrata...»

Como as situações análogas das nossas épocas estão a impor idênticos gritos de chamamento revolucionário!

Vê-se, portanto, que o movimento civil-militar de 91 não se consubstanciava apenas a uma explosão patriótica contra o ultimatum britânico que violou o direito das gentes portuguesas sobre o seu património colonial; que a sublevação de 31 de Janeiro não se resumia apenas a uma luta contra a monarquia dos Braganças, contra os partidos realistas que a serviam subserviente e mercenariamente. Ele passou à glória surpreendente da Posteridade pelo seu fundo cunho de largos horizontes reflectidos eloquentemente pela imprensa revolucionária-republicana que a antecedeu, que, como a que antecedeu 5 de Outubro de 1910, fora criada para «agente provocador da revolta do Porto», para a instigar, para a sublevar...

E se Guerra Junqueiro, apoiado por outros, enquerrou nessa imprensa, melhor representada na República Portuguesa, a «imprensa física da arremetida» — é porque também via:

Em cada palavra sangrenta que publicava, uma certa pedrada dirigida à cabeça delirada do capitalismo oligárquico que detém nas suas mãos polpudas de egoísmo as riquezas naturais e sociais da nação trabalhadora;

Em cada linha, uma forte martelada no comerciante que ignominiosamente envenena e trafica a miséria de um povo;

Em cada parágrafo, um afiado punhal apontado ao coração empedernido do proprietário alçgo que tiraniza a desgraça do inquilino a feneceir-se na improfilaxia dos cubículos em ruína, nas ilhas em foco de raquitismo deletério;

Em cada coluna, um estoíro contra a

soberbia dos possuidores injustos dos vastos campos de cultivo para o quasi exclusivo alimentar das castas preponderantes; contra o parasitismo dos senhores das grandiosas tapadas de divertimento sinegético; contra o orgulho dos detentores das imensas florestas de onde extraem o aquecimento dos seus salões, dos extensos olivais de onde recolhem o precioso óleo com que abundantemente regam as suas pantagruélicas comezainas — contra, enfim, os fisicratos que sugam, oprimem, delapidam a felicidade dos trabalhadores do campo...

Insultava-se o soberano, punha-se ao sol as nojeiras particularidades da família remane e conspurcava-se com a lama dos seus próprios escândalos, avolumados ainda pela pena acerada da implacável crítica robespierrista, o poder violento da coroa enesadada pelas enxúndias brigantinas que mais tarde foram cantadas pelo maior poeta português...

A jornada revoltosa de 31 de Janeiro de 1891 que hipocritamente se comemora, não foi apenas abafada em sangue pela traição estupefada da guarda pretoriana da monarquia carlista. Para maior vergonha, ela foi, volvidos vinte e um anos e com dois anos de república afonista, revoltantemente escarrada na sua memória pelos sucessos ocorridos na madrugada de 31 de Janeiro de 1912, na capital do país!

Pelas 3 horas da madrugada de 31 de Janeiro de 1891, o exército português, seguido de populares, marchava para o assalto contra um sistema político-social-económico que estrangulava Portugal nas suas liberdades, nos seus direitos, nas suas economias. Era um movimento de solidariedade por um povo agoniado e de protesto formidável contra os usurpadores.

Pelas 2 horas da madrugada de 31 de Janeiro de 1912, a força pública da capital, o exército de Lisboa, marchou para o assalto à C. Sindical, onde estavam reunidas centenas de operários de todas as profissões que reclamavam a liberdade de reunião e de associação, que protestavam contra as arbitrariedades cometidas pelos poderes constituídos contra as classes trabalhadoras do Alentejo, que proclamavam a sua solidariedade pelos grevistas de Evora que defendiam, justificadamente, o seu direito à vida, escarnecido pelos grandes potentados da lavoura...

Porque se deu este fenómeno de traição ao idealismo dos sublevados de 91 e aos operários da capital que em 1912 procuravam defendê-lo, fundamentando-se nas afirmações doutrinárias de outrora?

Porque se deu o que previra, embora esta previsão fosse combatida por João Chagas, o director de A Justiça Portuguesa: «A República tornara-se uma república de advogados, e, portanto, uma «república de poltrões, de sindicatos, de monopólios, de interesses e velhacos», com a qual o rico continua a gozar e o pobre a sofrer... Ao invés do que foi pregado, alijou-se apenas a corça, ficando de pé todas as instituições «do privilégio, da injustiça, da trapaça e da vilania»...

Desprezando as fórmulas expostas por O Sargento de 91, de que se «o exército é a acção», «o povo é a vontade» — de se «o exército é a força», o «povo é a soberania», os afonistas, os formigos, os republicanos traidores da moderna data e alcandorados na violência do poder não quiseram colocar essa «acção», essa «força», ao serviço da «soberania» popular, da «vontade» do povo — que era a soberania, que era a vontade, de milhares de trabalhadores do Alentejo, de Evora, de Setúbal, de Lisboa, etc., que estavam — que ainda hoje estão — contra os usurpadores ingratamente combatidos pelos sublevados de 91...

Preferiram que o exército fosse «uma guarda de sulcos», «uma casta», «um sustentáculo de traidores» — contra o que tanto protestou O Sargento — contra o que tanto se indignou para bordo do Pero de Alentejo, em 31 de Janeiro de 1912, centenas de operários que lutavam pela liberdade esmagada pela República — como para bordo do Moçambique e do Vasco da Gama foram, em 31 de Janeiro de 1891, as centenas de civis e militares que se bateram contra a tirania das oligarquias políticas da monarquia...

Se o 31 de Janeiro de 1891 é o reverso do 11 de Janeiro de 1890, a chicotada inglesa, a traição monárquica, — o 31 de Janeiro de 1891 tem também este recurso: o 31 de Janeiro de 1912 — que foi uma traição do governo republicano de então — precursora das trações seguintes — aos princípios dos infelizes que foram varados nas ruas do Porto e às aspirações do povo da capital, do país, que julgou que os republicanos saídos pela porta insurgente de 5 de Outubro de 1910 iriam, seriamente, materializar as doutrinas expendidas na República Portuguesa, O Sargento, a Vedeta, etc.

Mas o que saiu foi isto que outrora se disse da monarquia: que as «associações que não forem violentamente dissolvidas pela ditadura, que por antiírase quis arrogar-se o título de governo de defesa nacional, continuam subordinadas a severa legislação»; que os «comícios não podem celebrar-se sem que a voz intolerante de facciosa autoridade esteja a cada instante apercibida para intimidar-lhes brutalmente a dissolução e para desmandar-se nos abusos mais violentos do poder»...

Tudo isto por mal dos nossos pecados... da ingenuidade...

C. V. S.

As lamúrias críticas dos ingleses

LONDRES, 29. — O sr. Mac Kema, presidente do conselho de administração duma das mais importantes casas bancárias de Londres, declarou que o Banco de Inglaterra era o único responsável do desemprego em consequência da sua orientação no tocante às operações que lhe são próprias. Segundo se afirma nos círculos industriais, o «trust» continental metalúrgico está disposto a atender o pedido formulado pela indústria alemã, para uma revisão das percentagens em consequência da sua super-produção

Notas & Comentários

A Voz

A Voz de A Época com o mesmo sr. Fernando de Sousa e com a mesma orientação. Mudou apenas o título. Longe de ser um jornal que se inicia é um jornal que prossegue, disfarçando-se no título a fim de fugir à perseguição implacável do Patriarcado.

Afinal, Nemo não se submeteu. No intuito de evitar o escândalo de demonstrar em público a ineficácia da excomunhão católica, fingiu curvar-se — mas na realidade A Voz continuará a sua rebeldia. Toda esta farsa é representada para que ele possa amanhã continuar a pedir aos outros uma submissão e uma obediência à Igreja, submissão e obediência que até ao seu jesuítico espírito repugnem.

Entradas de leão...

O Correio da Manhã continua fugindo a cumprir a sua ameaça. Bem lhe conhecemos o recato que é próprio daqueles que gostam de insinuar e disfarçar, sem aduzir provas e inteiramente convencidos de que estão ultrajando a dignidade alheia. Dizem agora que há de discutir o assunto onde e quando bem quiserem. Então intimam-nos a não lhe puxarmos a língua e agora recolhem-na prudentemente em certo sítio muito próprio para caracterizar a maneira com que aquele jornal se faz político?

Quando o jornal não se sítio próprio para essa discussão seria uma boa desculpa se se tratasse duma atitude da redacção, visto que esta tinha o dever moral de tratar a questão no sindicato da classe. Agora para desculpa da empresa faz rir e leva-nos a perguntar porque não alega ela que o assunto se devia discutir em certas casas de Santa Catarina. Seria mais uma alegação disparatada...

O que se passa entre alemães

BERLIM, 29. — O novo gabinete alemão está constituído da seguinte forma: Centristas, dr. Marx, chanceler; Kshier, finanças; Brauns, obras públicas. Populares, Stressmann, negócios estrangeiros; Ourlins, economia. Nacionalistas, Herg, vice-chanceler (interior); Graef, justiça; Schiele, agricultura; Koch, transportes. Popular bava-ro, Schaezti, correios; e independente Gessler, reichswehr, que se declarou do partido democrático.

As autoridades passaram várias buscas na residência dos mais influentes membros da associação ultra-nacionalista «Lobishomem», sendo apreendidas diversas metralhadoras e importantes documentos. A polícia realizou 10 prisões.

A assembleia geral do partido comunista, que estava marcada para os fins do corrente mês, em Essen, foi adiada para os princípios de março. O chefe do partido separatista alemão no Tirol foi condenado em cinco anos de ostracismo pelo tribunal especial de Trieste. — (L)

A canhoneira «Ibo» chegou ontem a Lisboa

Chegou ontem ao Tejo o vapor «Patrão Lopes», trazendo a reboque a canhoneira «Ibo», que vem sofrer fabricos.

O Suplemento literário de «A Batalha» de amanhã é dos mais interessantes

Continua com as honras de primeiro semanário literário português o suplemento de A Batalha. Dia a dia melhoram as suas secções com novos colaboradores, dos mais acreditados no jornalismo. Por exemplo, o número de amanhã confirma esses créditos. Além de uma selecta colaboração os assuntos são atraentes e oportunos.

A irresistível evolução social da mulher é um soberbo artigo de profunda observação à mentalidade dos que responderam ao inquérito aberto pelo suplemento sobre se a mulher deve ou não ingressar nas profissões dos homens. O seu autor, com admirável espírito crítico, faz um balanço a esse inquérito e aproveita o ensejo para bordar uma série de judiciosas considerações sobre os direitos da mulher.

Satan gargalha na escuridão são versos do estudante de letras Roberto das Neves, ricos de ritmo e esplendidos de sentido social.

A crítica à peça Mulher, em scena no teatro de São Carlos, é do nosso camarada Jesus Peixoto. Como todas as suas críticas é de larga observação e espírito analítico.

O verniz da civilização e as regressões aparentes do progresso, artigo muito bem fundamentado e que revela erudição, está firmado pelo publicista Ladislau Batalha, um nome que dispensa apresentação.

Dez contos, de Alfredo Marques, é um quadro de tintas fortes em que a vida de um rapaz, a quem a abundância de dinheiro levou ao suicídio, se reproduz com todos os cambiantes de tragédia.

Trabalhamos pela instrução são algumas considerações sobre pedagogia moderna do professor Mário de Oliveira.

Zé Povinho & Companhia é uma epistola dirigida por Costa Júnior a um provinciano em que se explica a função do Estado e a sua utilidade.

A sugestão como meio de educação moral, de Guyau, é um excelente trabalho sobre psicologia.

O que todos devem saber, Chico, Zecas & C. e Actualidades da semana fecham as oito páginas do suplemento, que custa 50 centavos.

REGRESSO AO PASSADO

Vai ressurgir a Companhia de Jesus

Por todo o país ressuscita a velha Companhia de Jesus.

Loiola e Torquemada riem, trágicamente, na noite dos seus sepulcros. Coimbra foi o centro intelectual eleito pelos netos de Loiola para campo de manobras das suas negras legiões. Aqui implantaram o seu quartel-general.

Desde sempre, a velha cidade universitária concitou a cubiça dos escuros bandos dos abutres clericais — sempre ávidos de cravarem as suas garras nas inteligências, para as estrangularem, para as amarfanharem, para as esterilizarem.

E aqui — nesta cidade, onde, desde remotos tempos, têm feito seus ninhos as aves de rapina do Clericalismo — que se está operando o ressurgimento da extinta pompa da Igreja.

Tem sido notável, tem sido intenso, o esforço nos últimos meses realizado pelos pioneiros do Embrutecimento Humano, nesta velha cidade dos lentos.

A princípio, o centro de todas as conjuras reacconárias era o Centro Académico da Democracia Cristã.

Este Centro Académico da Democracia Cristã (C. A. D. C.), agremiação de estudantes, filial do Seminário, criada por este, para mais profusamente realizar o torvo labor de propinar à juventude das escolas o veneno coacizante da religião, é o laboratório onde os lentes de espírito loiolesco da nossa Universidade preparam uns seres com forma humana — a sua semelhança, moral e fisicamente castrados — que serão o Pensamento da sociedade de amanhã.

E nas trevas espirituais do C. A. D. C., filial do Seminário, que se geram os monstros das novas gerações intelectuais. Ali se concentram quasi todas as sortidas ao Pensamento Moderno e à Liberdade — «a religião do nosso tempo», como disse Heine.

Depois, os pósteros de S. Inácio, mirando em volta de si e certificando-se do vácuo que em seu torno havia feito o operariado, cujos cérebros começavam a ser tocados dos rubros clarões dos modernos ideais de emancipação, maquinaram um plano de atracção das classes proletárias.

Como tentativas de realização deste plano, apontam-se, entre outras, a criação do Lactário de Nossa Senhora, que durante a crise de trabalho distribuía gratuitamente à família dos operários doentes, leite (não de Nossa Senhora, mas de vaca). Veiu, por último, a União Operária Católica — essa irrisória, que à sua frente tem o báculo dum bispo e o capelo-e-borla dum lente de Medicina que não troca a sua terapêutica pela terapêutica milagreira das águas miasmáticas das piscinas de Lourdes.

Agora, sopradas por um propício vento político, as nuvens quasi desfeitas da fé católica vão interceptando de novo o sol da Razão, e fazendo mergulhar tudo novamente na escuridão da Meia Idade, e restituindo à Igreja o seu antigo esplendor. Os clericais não se detiveram por aqui. Com o dinheiro maldito que brota da maldita fonte dos cofres dos capitalistas afectos à doutrina de S. Inácio; com o mesmo maldito dinheiro que os patrões têm feito convergir das suas burras para a obra de castração dos ímpetos reivindicadores do operariado; com o mesmo maldito dinheiro pingado da mesma maldita e misteriosa fonte, acabam os clericais de adquirir por 180 contos o antigo Teatro de Sousa Bastos, que transformaram no «Recreatório Ozanam» («Recreatório Onan» traduziria melhor a verdade...)

«Sim! Porque é duma obra de castrados e de masturbadores que se trata! A última batalha ganha pelos católicos na sua nova Cruzada Santa — é a organização dum Núcleo de Scouts Católicos, que eles baptisaram com o nome arrepiador de «Alcáteia de Santa Isabel de Coimbra» — que por órgão na imprensa tem «O Condestável», jornal de publicação clandestina, que somente se submete à censura das autoridades eclesiásticas.

O Scout — no dizer do «Condestável» — é o incidente mais notável da história de Coimbra entre a escola literária coimbrã e o período revolucionário que tende a desaparecer, misto de sentimento, usos e instituições que se darão a conhecer por efeitos sensacionais no nosso meio.

O Scout é assim definido pelo «Condestável»:

«Ser scout é amar a Deus que criou a terra inteira cingir a lusa bandeira, — ver nos outros irmãos seus.

«Ser sóbrio, bem respeitar

o bem alheio onde o veja; defender a Santa Igreja de quem a queira atacar.

E quando esta terra for alcaiteia triunfal, Jesus, num gesto de amor, há de abraçar Portugal».

Na opinião dum douto pregador desta diocese, «a Alcáteia de Santa Isabel é o embrião duma milícia forte e aguerrida como a de Mussolini».

Dizem-nos que à frente desta organização católica de jovens sóbrios, desta silenciosa revolução moral, está um prior que alia às suas preocupações místicas o zelo pagão do culto a Baco...

Para breve, anunciam-se agora mais dois números novos do programa dos pálios discípulos de Jesus.

São eles: a reabertura do culto da capela da Universidade e a restauração da velha Faculdade de Teologia.

Como os leitores vêem, a ressurreição do antigo resplendor da Igreja — está em marcha.

Nós sabemos que o resplendor que o Catolicismo está readquirindo, será de duração efêmera.

O extraordinário fulgor que está reau-reolando a Santa Madre Igreja é assemelhado ao intenso e derradeiro lampejo dum foco prestes a extinguir-se.

E preciso, porém, apagar esse foco o mais depressa possível, não o deixando apenas entregue às contingentes leis do fatalismo histórico. Urge combater com dento a hipocrisia religiosa, o trabalho narcotizador e bestializante da religião e a sordida avaria dos fariseus de roupa!

Para que possamos cantar, como Guilherme Braga, o poeta revolucionário, aquelas estrofas rebeldes:

O. L.

O tipo único de pão

Os manipuladores de Coimbra realizam hoje uma grande sessão

Aumenta o número dos que discordam da maneira como vai ser estabelecido o regime de fabrico de pão, que na próxima terça-feira entra em vigor. Agora chegou a vez aos manipuladores de pão de Coimbra que hoje em sessão magna vão tratar do assunto e para a qual distribuíram o seu seguinte manifesto:

«Há muito que neste país se vem fazendo sentir, assoberbadora, a crise de trabalho.

Os comerciantes e os industriais, com as suas artilhanhas gananciosas de sempre, não satisfeitos com virem desde a guerra para cá enchendo os cofres à custa do envenenamento do povo, pretendem agora afundar ainda mais na miséria os trabalhadores que tudo produzem e nada possuem.

Com o estabelecimento do novo tipo de pão, intensificar-se-ão mais as ameaças aos operários manipuladores de pão.

Os industriais de padaria ameaçam já com a redução de salário e o despedimento dalguns braços produtores.

Resta saber se os operários manipuladores estarão dispostos a receber de braços cruzados esta afronta à sua miséria.

Para a apreciação desta grave situação e doutros assuntos urgentes, convidam-se todos os manipuladores de pão de Coimbra a reunir hoje, 30, pelas 17 horas, na sede da associação».

Uma nova assembleia dos manipuladores de Lisboa

Voltam a reunir hoje, pelas 17 horas, em assembleia geral, os manipuladores de pão de Lisboa na sede do seu Sindicato, a fim de tomarem conhecimento das demarches pela comissão da classe feitas junto do ministro da Agricultura sobre o tipo único de pão.

E de esperar que nenhum dos componentes da classe falte à assembleia.

«A Batalha» não se publica terça-feira, encontrando-se amanhã, encerrados os nossos escritórios e oficinas.



Greve geral de 1912—O assalto militar à Casa Sindical, na rua Formosa, na manhã de 31 de Janeiro

O PROGRESSO SOCIAL...

Trinta e seis anos de evolução política e tudo em marasmo

Foi há trinta e seis anos — na trágica madrugada de 31 de Janeiro de 1891 — que o empedrado enegrecido da ladeira de Santo António deste velho burgo tripeiro se tingiu do sangue generoso dos mártires da liberdade.

Longínqua vai já esta data, e ainda até hoje, através dos tempos e das gerações, jamais deixou de ecoar, alto e unísono, o brado dos apóstolos do Ideal, que tão nobre e audazmente romperam contra a tirania que sempre pretendia esmagar o leal povo português.

Embora o mal daquela época fosse geral em todo o país, foi sobretudo no Porto onde primeiro se fez evidenciar a rebeldia contra a despótica figura dum rei tirano e devasso e contra a existência duma dinastia nefasta e ruinosa.

A casa de Bragança era o cancro que infectava a nação, e os seus membros eram como que uma chaga purulenta a reclamar antídoto pronto e eficaz...

A má administração dos governantes do Estado, aliada ao louco esbanjamento da família realenga, eram o sorvedouro do desfalcatório erário nacional.

E como se tudo isto não fosse ainda o bastante para agitar uma população quase na miséria, para mais excitar a ira do povo, a reacção fradesca e clerical ia manobrando na sombra, caluniando, intrigando, criando na pessoa cancerosa do rei a indiferença pelo mal-estar do seu povo.

Os acinices e perseguições de toda a natureza germinavam contra os súbditos da nação a dentro do pago real, e em volta do trono os sequazes do monarca, em vez de proporem medidas justas e acertadas a bem da população, antes iam, cada vez mais, cavando fundo a ruína do país.

Assim caminhava o poder legislativo e administrativo, até que um dia, a própria necessidade do povo fez com que se esboçassem as primeiras conspirações contra a monarquia, e nestas conspirações fusesse, já, exposto ao vento da revolta latente, o pendão do ideal republicano.

Concertaram-se os homens e as coisas. Reuniram-se grandes e pequenos, intelectuais e analfabetos, e num mudo acórdão, deliberaram empreender a marcha gloriosa a caminho do Porvir.

Sempre a opressão criou revoltados; e nestas circunstâncias, a propaganda republicana ia conquistando terreno dia a dia, hora a hora.

Por todas as partes do país em ruínas a voz alva dos apóstolos da liberdade clamava ousada e destemidamente contra o poder infamante dum rei relapso e tirano.

A alma popular vibrava já de emoção e revolta. A luta sem tréguas contra o trono de Bragança era reclamada pelos espíritos mais livres como remédio decisivo para salvação do país.

Ao primeiro conspirava-se secretamente; depois a conspiração fazia-se em plena rua, à luz do dia, sem receios nem temores.

O rei, escarnejado em extremo e fiado no seu poder, olhava tudo com uma indiferença própria dum doido que se julga Omnipotente no mundo...

Entretanto o povo cada vez mais agitado pela intensa propaganda feita, ia preparando a pólvora com que pretendia queimar os causadores da sua desdita. E o rastilho que pegou fogo a essa mesma pólvora, foi o afrontoso e ultrajante Ultimatum enviado aos pais pela poderosa e leal aliada Inglaterra.

Nun momento todo o povo se levantou e como que movido por extranha e poderosa força, sacudiu o jugo e veio para a praça pública reclamar o seu incontestável direito à liberdade.

O trono estremeceu por instantes quando, no Porto, entre o troar da artilharia e o fusilar dos infantis, se soltaram os primeiros vivas à república...

A luta estava travada: entre o povo liberal e a dinastia de Bragança; mas infelizmente essa luta foi desastrosa para o mesmo povo, em virtude da negra traição da ocoisa guarda municipal!

E não negra traição originou depois as mais atrozes perseguições.

Os que não tiveram a sorte de caírem varados pelas balas inimigas, foram todavia obrigados a homiare-se longe do país, e os que não puderam emigrar foram desumanamente mandados para o degredo.

Assim terminara a jornada sangrenta de 31 de Janeiro. Assim foi sufocada a marcha gloriosa dos exércitos da liberdade.

Porém as ideias ficavam. A semente lançada à terra havia de mais tarde produzir fruto bom e saboroso. E assim dezasseis anos depois a aspiração popular encarnada nas figuras audazes de Buiça e Costa, abatia à luz vivida do sol, em pleno Terreiro do Paço, os dois mais poderosos troncos da árvore genealógica dos braganças...

Morreu o rei e o príncipe. Tremia o restante poder real...

Em lugar do rei abatido, erguia-se agora sobre o trono a figura imberbe duma criança inexperiente... A sua volta recomparam na negra fama, os titanos e os intrigantistas da nação.

O novo rei era um joguete nas mãos dos clérigos. Por isso mesmo o regime de tirania que cera causa à morte do rei e do príncipe, havia indubitavelmente de fazer succumbir também o poder do precoce monarca...

E assim, curto foi, pois, o seu reinado, porque em 5 de Outubro de 1910, o povo, contrariando com o exército, aboliu para sempre a realza em Portugal.

A nação quasi em peso exultava então de contentamento ao prever a felicidade que antevia nas promessas feitas durante a propaganda pelos caudilhos da República.

Mas oh desilusão fatal! Os apóstolos antigos, os verdadeiros apóstolos, esses quasi todos se tinham envolvido na penumbra misteriosa da morte, e os poucos que restavam eram impotentes para dominar as pretensões dos modernos messias da nossa época, alguns destes feitos republicanos só depois de convencidos de que a Monarquia já mal assentaria arraiais em Portugal...

A felicidade sonhada pelo povo foi, pois, um mito.

O regime descaído e opressor de outrora acentuou-se ainda com mais forte intensidade.

A tirania da realza ficou muitas vezes àquele da tirania republicana. Os novos mandatários do país — com raríssimas excepções — em nada honram as tradições gloriosas do movimento de 91.

O povo continua sendo o bode expiatório dos erros crassos dos maus administradores do país. O que ele tem sofrido desde 1910, atinge quasi as raízes do impossível.

Não exageramos. Senão vejamos:

Quando imaginou o povo português, especialmente o povo que trabalha e que luta

FESTAS ASSOCIATIVAS

O 7.º aniversário do Sindicato da Construção Civil de Lisboa

Iniciaram-se ontem as festas comemorativas do 7.º aniversário deste Sindicato, que decorreram animadíssimas.

O Programa de hoje é o seguinte:

Pelas 15 horas, sessão solene que será iniciada por uma conferência, seguindo-se no uso da palavra delegados de vários organismos operários.

Às 17.30 horas — Intermezzo cómico pelos aplaudidos *clowns* do Gimnásio Club Leais Amigos, Tomazito e Sili Costa, seguindo-se até às 19 horas, uma sessão de ilusionismo pelo distinto amador José Pardo, que se presta a abrilhantar a nossa festa.

Das 19 às 21 horas — Concerto musical pela aplaudida Banda da Sociedade Filarmónica Verdi que gentilmente se presta a abrilhantar a festa. Durante o concerto haverá quermesse.

Às 21 horas, subirá à scena o drama em 3 actos «Louca», que será desempenhado pelo famoso Grupo Dramático Solidariedade Operária.

Por especial deferência abrilhanta o espectáculo o Grupo Musical «Os Bichinhos».

Os organismos que não receberam convite directo, ficam por esta forma convidados a fazer-se representar.

Sociedade A Voz do Operário

Nesta Sociedade encontra-se aberto, até 5 de Fevereiro, o concurso para o lugar de guarda-livros, sendo necessário o diploma do curso médio comercial ou equivalência.

A BATALHA na provincia e arredores Cascais

Fechou a última fábrica

CASCAIS, 28. — Acaba de fechar a última fábrica de conservas que ainda se encontrava aberta, e que funcionava sob a firma A. Cascais, Limitada. E o desmanchar da feira. São mais umas dezenas de famílias afiladas à miséria. E não há ninguém que dê providências a este estado de coisas.

Esta gente não poderá morrer à míngua e é necessário se torna que os homens ricos desta localidade encarem o problema, e judem a resolver, porque de contrário não sabemos que surpresa está reservada. Com a miséria não se deve brincar, e esta nunca deu bons conselhos.

E' tão pouco o que os operários deslocados pedem, que os bafejados da sorte têm o dever de ajudar a viver. O seu pedido consiste misto apenas: Pão e trabalho. — C.

SOCIEDADES DE RECREIO

Concentração Musical 24 de Agosto.

— Hoje, às 17 horas, concerto musical, pela banda da associação e, às 21 horas, baile.

Sociedade Filarmónica «União Chelense» — Realiza-se hoje, das 13 às 17 horas, nesta colectividade um concerto musical pela Banda de Música 1.ª de Janeiro, da Ajuda, e às 21 horas um grandioso baile acompanhado a «jazz-band», dirigido pelo distinto músico sr. João Baptista.

Grupo Recreativo Excursionista — Hoje e amanhã, promovido pela Comissão Pró-Estandarte, realizam-se nesta agremiação recreativa deslumbrantes festas com um programa escolhido.

Troupe de Bandolinistas «Os Liras» — Às 21 horas, grandioso primeiro baile de máscaras (à inglesa) abrilhantado a «jazz-band» com «fex» a prêmio.

Grupo Recreativo «Os Gatinhas» — Como já noticiámos, iniciam-se hoje as festas de inauguração deste grupo, com um concerto musical, às 16 horas.

Amanhã distribui-se, pelas 12 horas, um bode a mais de cem indigentes, após o qual será servido um copo de água aos representantes dos grupos congêneres.

AGREMIações VARIAS

Centro Escolar Socialista de Alcântara — Os corpos gerentes resolveram que esta agremiação se faça representar nas manifestações que se realizam hoje comemorativas da escalada de Monsanto.

Liga de Acção Educativa — A secção de Lisboa desta Liga reúne hoje, em assembleia geral, às 14 horas, na sua sede provisória, rua da Madalena, 225, 1.ª, para apreciar o relatório e contas da gerência de 1926 e eleger novos corpos gerentes. Por ser a 2.ª convocação a assembleia reunirá com qualquer número.

Sociedade «A Voz do Operário» — Nesta Sociedade encontra-se aberto até ao dia 5 de Fevereiro o concurso para o lugar de guarda-livros, sendo necessário o diploma do curso médio comercial ou equivalência.

Associação Popular de Beneficência de São Cristóvão e São Lourenço — Hoje festa comemorativa de 31 de Janeiro dedicada à Academia Recreativa do Pessoal dos Caminhos de Ferro do Leste e Norte.

Às 13 horas: Sessão solene, usando da palavra vários oradores.

Às 15 horas: Jantar a 135 crianças protegidas desta Associação.

Abrilhanta estes actos a Troupe de Bandolinistas «Os Modestos».

Notas varias da Lisboa triste

Atropelamento

Na Sala de Observações do Banco do hospital de São José, deu entrada José Correia de Deus, de 9 anos, filho de Adriano de Deus e de Joaquina de Jesus, natural de Lisboa e residente na Avenida Duque de Ávila, 84, rez-do-chão, que, na Avenida Fontes Pereira de Melo, foi atropelado por um automóvel, ficando muito contuso no ventre.

Queda a Bordo

No posto da Cruz Vermelha do Calvário, recebeu curativo e foi para casa, António Pinto, de 43 anos, natural e residente em Orlhão, marítimo, que, na muralha de Alcântara, caiu de uma prancha para bordo de uma fragata, ficando contuso nas costas e ferido na cabeça.

Jardim Zoológico

El' hoje o primeiro dia que o colossal elefante «Maputo» é exposto ao público depois de uma grave doença que o teve à portas da morte.

TEATROS CONFERÊNCIAS

No São Luís Companhia francesa de Vera Sergine A peça de Sacha Guitry, «La Pélerine écossaise»

Sacha Guitry, dramaturgo caracterizado e mundano, que conhece a sociedade elegante como poucos, espírito requintado, «blagueur» emérito, tem na «Pélerine écossaise» mais um aspecto do seu talento que aproveita ninharias de salão para fazer peças.

Bom humor, distinção em tudo o que faz serve-lhe esse admirável condão para entreter, principalmente para entreter. Não tão frívolo como à primeira vista parece, a sua prosa exala por vezes em perfume de causticidade gentil, que não deixa em bom campo as pessoas que ele objectiva na sua aparente fatuidade. E' um mundano que critica mundanismo com manifesta malícia. E' um sorridente que incomoda tudo o que merece a incisão dos seus ironismos. O sumo das suas peças não é tão ofensivo que não deixe bem gravada a noção do seu sarcasmo, a impressão viva da sua crítica. Não critica para criticar, mas critica e deixa bem os vestígios da sua visualidade psicológica.

Vera Sergine e Henri Rollan foram mais uma vez belos artistas, pela forma como compreenderam e exteriorizaram os seus tipos. A doce amenidade da dicção, o equilíbrio bem patente das atitudes permitiram que a peça fosse conduzida com uma marcada leveza e um inegalável bom humor e vitalidade.

Nogueira de BRITO

A peça «Justiça!...» no Nacional

Dia a dia se assinala o êxito do drama «Justiça!...», de Ramada Curto, no Teatro Nacional. A peça, que é profundamente teatral, tem agradado ao público amador de bom teatro. A trindade artística da companhia — Adalina Abranches, Berta de Bivar e Alves da Cunha — continua sendo aplaudidíssima.

Para amanhã, segunda-feira, está marcada uma recita de gala, e para breve a «première» da hilariante e graciosa comédia «O maluco das Avenidas Novas».

«O Pé de Salsa» e um solo de saxofone

«O Pé de Salsa», engraçadíssimo e notável «vaudeville», registará hoje e amanhã na Avenida outras enches. Alem da sua apresentação, haverá depois do 2.º acto, na orquestra, um solo de saxofone alto pelo professor Henrique Neves, que executará o trecho «Variétés», de R. Wladoff.

Último domingo da «Garçonne»

A peça «A Garçonne» regista hoje o seu último domingo no Trindade, saindo de scena depois de amanhã em pleno sucesso pela necessidade urgente da Companhia Lucília Simões-Erico Braga activar o seu repertório, substituindo-a por uma peça alegre, destinada à época do Carnaval que começa a esboçar-se.

Ainda a célebre opereta «Mouraria»

Não se esquecendo que é hoje dia de duas enches no Apolo, visto que é ainda com a rainha das operetas portuguesas, «Mouraria», que se efectuam as duas sessões deste domingo, tão propício a um espectáculo alegre, divertido e popular, previne-se que a bilheteira abre às 11 horas, vendendo lugares sem locação, não só para o dia de hoje, como ainda para o de amanhã, que é dia feriado.

Último domingo de «O Inferno»

No Variedades do Parque Mayer realiza-se hoje, em duas sessões, o último domingo de «O Inferno», a larga-famosa e engraçadíssima que está dando as suas últimas representações a pesar do formidável êxito de gargalhada que obteve e de ser das melhores do repertório alegre, cómico e divertido da illustre actriz Maria Matos.

Últimas da peça «E' preciso viver»

Hoje e amanhã dia de feriado, realizam-se no Gimnásio as duas últimas representações, definitivas e irreversíveis, da soberba comédia de grande sucesso «E' preciso viver», que é interpretada habilmente pela companhia Amélia Rey Colaço-Rohles Monteiro.

Coliseu dos Recreios

A Nova Companhia de Circo, que está dia a dia a fazer maior sucesso, dá hoje dois magníficos e sensacionais espectáculos no Coliseu dos Recreios, com uma «matinée» na qual tem entrada gratuita as crianças até dez anos, e outro à noite, ambos com um programa variadíssimo em que tomam partes todas as grandes novidades e atracções.

Cavalos, «poney», macacos, urso, bies, chachais e cães, todos fazem as suas «habilidades», todos exibem trabalhos interessantes e engraçados de absoluta novidade entre nós.

O último domingo da «Mulher...»

Em pleno sucesso, mas prestes a sair de scena, pela necessidade de montar novas peças, representa-se hoje mais uma vez, no teatro São Carlos, a terna e encantadora comédia «Mulher...», que é um dos mais brilhantes casos artísticos desta temporada, tendo Palmira Bastos na protagonista uma extraordinária criação.

«Sempre f.x.e.» no Eden

Representa-se no Eden-Teatro a engraçada revista «Sempre f.x.e.» que alegria o público com a sua graça esufiante e comunicativa, com a sua lindíssima música, brilhantismo de guarda roupa e cenário dos seus 20 quadros. Os espectáculos do Eden não têm rival na insignificância dos seus preços.

Penultimo espectáculo

Hoje no Foz realiza-se o penultimo espectáculo de variedades e no qual tomam parte: a célebre tonadillera Luz Imperio, a formosa e elegante cançonetista Adelita Adrian, o notável tenor português Artur de Almeida, a distinta actriz cantora Rahyra de Sousa, o colossal Trio Martinez com os seus bailes flamengos e regionais.

No escan exhibe-se o deslumbrante film em 7 partes «Cinzas de ódio», por Norma Talmadge.

Na próxima terça feira estreia-se a extraordinária super-produção cinematográfica «Ricardo. Coração de Leão» e a comédia sentimental «O fim do mundo».

Em «fim de festa» apresenta-se, em dois únicos espectáculos, a eminente estrela do couplet Luz Imperio.

OS QUE MORREM

Realiza-se hoje o funeral do sr. Pascoal da Graça, de 28 anos, solteiro, barbeiro, que se suicidou na passada quinta-feira, em Cascais.

O préstito fúnebre sai às 14 horas do edificio da Morgue para o cemitério do Lumiar.

«A tuberculose em Portugal» pelo dr. Lopo de Carvalho

Perante uma numerosa assistência, dentro a qual se destacavam muitas senhoras, realizou-se anteontem o dr. Lopo de Carvalho, na 4.ª Secção da Universidade Popular Portuguesa, instalada na sede do Sindicato do Pessoal do Arsenal do Exército, a sua anunciada conferência sobre «A tuberculose em Portugal».

O illustre conferente começou afirmando que a tuberculose ataca todas as classes e que, uma vez declarada, já mais se cura. Disse que ela causa 20.000 vítimas por ano, em Portugal, pelo que, estando computada em três anos a vida de um tuberculoso, se infere que existem no país 60.000 doentes.

O distrito de Lisboa, disse, é o maior fulcro da tuberculose em Portugal. A seguir está o distrito do Porto, e sucessivamente, os de Elvas, Aveiro, Algarve, Beiras e Bragança. Quanto a percentagens, Lisboa dá 240 tuberculosos por cada 10.000 habitantes, e a capital, propriamente dita, pesa nesta estatística com 2.000 vítimas por ano.

Entrando no período da conferência que se referia especialmente à mortalidade, o dr. sr. Lopo de Carvalho mostrou numa projecção luminosa, as fases da tuberculose, desde 1913 a 1921, pelas quais se demonstra que, tendo sido ela relativamente pequena em 1913-1914, foi muito elevada em 1915, tendo voltado a descrecer em 1917, para logo em 1918 atingir uma altura considerável, que chegou ainda a ser ultrapassada em 1920. Quere dizer, — concluiu o conferente — a percentagem de tuberculosos por cada 10.000 habitantes, passou de 1800 em 1903, para 2300 em 1920.

A tuberculose ataca da preferência os indivíduos dos 25 aos 30 anos

Proseguindo, mostrou ainda, valendo-se novamente de um gráfico, que a tuberculose ataca de preferência os indivíduos dos 20 aos 30 anos e muito especialmente dos 25 aos 30, quando o homem se encontra na maior pujança da vida. Assim, verifica-se que o número de atacados dos 10 aos 15 anos é quasi nulo, começando a aumentar aos 20, subindo mais aos 25, para logo começar a reduzir-se aos 30.

Quanto à maneira como a tuberculose se desenvolve em Lisboa, mostrou ainda o orador, ao passo que em 1881-82, a grande mortalidade se dava nas freguesias centrais, os maiores aglomerados, passou, trinta anos depois, em 1913-14, para as freguesias suburbanas, limpando-se a parte central, o que se explica — disse — se atentarmos que a parte baixa da cidade, quasi deixou de ser habitada, para passar a ser ocupada por escriptorios e grandes estabelecimentos.

Referindo-se à cura da terrível doença, citou a propósito uma frase do grande médico francês Grauchier, que dizia que «a tuberculose é de todas as doenças crónicas a que mais se cura», afirmando logo a seguir que é realmente curável a tuberculose, tornando-se no entanto necessário, para tal se conseguir, que ela seja atacada logo no início da infecção, sendo perder tempo tentar curar esse flagelo depois de se haver instalado com tosse, expectoração, suores, etc.

As Estado compete olhar de vez para o assunto

— Que fazer então? perguntou.

Não há nenhum medicamento específico para a cura da tuberculose, e por isso temos de robustecer o organismo, para que ele por si só se baste para destruir o microbio. Entre nós, há a mania de mandar qualquer tuberculoso para os sanatórios de repouso, sem se reparar que eles, por si só, são insuficientes para o tratamento.

O que primeiro havia a fazer, era o Estado interessar-se pelas classes pobres, prestandolhes o auxilio a que têm incontestável direito, como únicas forças produtivas, e a quem tudo falta para poderem tratar-se.

Proseguindo, o dr. sr. Lopo de Carvalho pôs em destaque a necessidade de se defender a primeira infância, mostrando a relação desse problema com o da tuberculose, e alongou-se depois na apresentação de uma série de exemplos, com os quais demonstra a impossibilidade de os operários se tratarem em Portugal, passando depois a descrever o que são os sanatórios, os hospitais-sanatórios, as colónias agrícolas e de reeducação, e os dispensários, lá fora, onde se cuida dos doentes com o carinho que eles merecem.

O orador explicou detalhadamente o funcionamento desses estabelecimentos, onde os doentes são primeiro tratados e depois socorridos, sob o ponto de vista material e profissional e ainda moral, passando por último a comparar o que existe no nosso país, com o existente no estrangeiro, em matéria de assistência aos tuberculosos.

Arsenal anti-tuberculoso

Ao passo que em Portugal existem apenas 4 sanatórios, com 140 camas; 4 sanatórios marítimos para crianças, com 300 camas, e 6 dispensários, existem na Alemanha: 2.000 dispensários; 168 sanatórios, com 17.000 camas; 172 sanatórios marítimos, com 14.000 camas; 320 hospitais-sanatórios; 134 hospitais-florestas e 100 hospitais de observação. Nos Estados Unidos: 455 dispensários; 557 sanatórios e hospitais; 158 pensões de tuberculosos, e 90 secções de isolamento. Na Suécia: 170 dispensários e 70 sanatórios e hospitais-sanatórios. Na Suíça, 106 dispensários; 23 sanatórios para pobres; numerosos pavilhões de isolamento e de preventórios.

Concluindo, o conferente enumerou várias maneiras de entre nós se arranjamem as necessárias receitas para se montar um serviço de defesa da tuberculose, afirmando que todos os sacrificios são bem empregados neste campo, tanto mais quanto é certo que, calculando que cada trabalhador em Portugal ganha só 10\$00 diários e morrendo 20.000 por ano, perdemos um capital de 2 milhões de contos.

O illustre conferente foi muito ovacionado e cumprimentado ao terminar o seu brilhante trabalho.

«Educação higiénica popular»

Na Universidade Livre, Praça Luis de Camões, 46, 2.º, realiza-se na próxima quinta-feira, às 21 horas, a 1.ª conferência de uma série de educação higiénica popular que funcionará nesse local todas as quintas-feiras, por iniciativa da Sociedade Naturista, de especial interesse para o povo trabalhador.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete Dinis são hoje expedidas malas postais para a Madeira, Pará e Manaus, sendo da Caixa Geral a última tiragem de correspondência às 10,30 horas.

Teatro da Trindade
TELEF. T. 876
Companhia Lucília Simões-Erico Braga
HOJE — HOJE
A GARÇONNE
QUARTA-FEIRA, 2.ª a comédia
Au premier de ces messieurs
(O senhor que se segue)
ESTREIA do actor brasileiro
Leopoldo Froes
e da actriz
Brunilde Judice da Costa

TEATRO SALÃO FOZ
Matinée às 3 h. — Soirée às 8,45 h.
Penultimo espectáculo de variedades
em que tomam parte os distintos artistas:
LUZ IMPERIO
Célebre «tonadillera»
ADELITA ADRIAN
Formosa cançonetista
RAHYRA DE SOUSA
Actriz cantora
ARTUR DE ALMEIDA
Tenor português
TRIO MARTINEZ
Bailarinos
Hoje: «Cinzas do Ódio», por Norma Talmadge
Terça-feira, 1.ª — Estreia da maravilhosa super-produção cinematográfica «Ricardo. Coração de Leão», pelo grande actor Wallace Beery, e da comédia sentimental «O fim do mundo», por Jack Pickford e Norma Shearer.
Em «fim de festa» a eminente estrela do «couplet» **LUZ IMPERIO**, que apenas toma parte em dois espectáculos.

Teatro Apolo
Telef. 3049 N.
Companhia Almeida Cruz
HOJE e todas as noites
2 sessões 2 às 8,30 e 10,30
com a espirolusa opereta
MOURARIA
em 3 actos, original de Lino Ferreira,
S. Tavares e L. Lauer, musicada
pelo maestro Filipe Duarte.
Protagonista:
Adelina Fernandes
PREÇOS POPULARÍSSIMOS
Camarotes, 35\$00; 20\$00; 10\$00. Fauteuils, 9\$00. Cadeiras, 6\$00.
Geral, 2\$00

TIVOLI
«Matinée» às 3 horas
«Soirée» às 9 horas
ÚLTIMA EXIBIÇÃO
DOROTHY VERNON
Super-film de grande espectáculo com
MARY PICKFORD, HILAN STORRETT
e Estelle Taylor (10 partes)
Uma Ciné-Farça
Um documentário português
Revista Mundial
Audição especial pela orquestra
sob a direcção do maestro
NICOLINO MILANO
Amanhã: BONJOUR PARIS!
A célebre revista do Casino de Paris
com Mistinguett

TEATRO NACIONAL
Telefone N. 3049
Companhia Berta Bivar-Alves da Cunha
HOJE a peça portuguesa
JUSTIÇA!...
Segunda-feira, 31. — Récita de GALA
HOJE estreia-se o
Jazz-Band Europeu
Na próxima semana
O Maluco das Avenidas
Novas

TEATRO AVENIDA
Telef. II. 4353
HOJE o «vaudeville» em 3 actos
O PÉ DE SALSA
EM ENSAIOS
O BOM LADRÃO

TEATRO VARIEDADES
às 20,30 e 22,30
O INFERNO
QUINTA-FEIRA, 3.ª — A farça portuguesa
O Olho da Providência
Novidades literárias
CAVALGADA DO SONHO
E
TERRAS DE FOGO
— DI. —
Juliano Quintinha
2.ª Edição — Escudos 8\$00
A' venda em todas as livrarias. — Pedidos
à secção de Livraria de A Batalha

CAMBIOS		
Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		94\$75
Madrid, cheque	3\$25	
Paris, cheque	578	
Suíça, cheque	3\$78,5	
Bruxelas, cheque	2\$73	
New-York, cheque	19\$58	
Amsterdão, cheque	7\$84	
Itália, cheque	5\$85	
Brasil, cheque	2\$32	
Praga, cheque	5\$8,5	
Suécia, cheque	5\$24	
Austria, cheque	2\$77	
Estim, cheque	4\$65	

Espectáculos de hoje e amanhã

TEATROS

Teatro S. Carlos — A's 21 — «A mulher».

Teatro Nacional — A's 21, 15 — «Justiça».

Teatro S. Luís — A's 21 — «La rival».

Amanhã — «L'écôle des cocottes».

Teatro da Trindade — A's 21, 15 — «A Garçon».

Teatro do Ginásio — A's 21 — «E' preciso viver».

Teatro Apolo — A's 20, 30 e 22, 30 — «Mouraria».

Teatro Avenida — A's 21, 30 — «O Pé de Sals».

Teatro Variedades — A's 8, 30 e 10, 30 — «O Inferno».

Eden-Teatro — 20, 30 e 22, 30 — «Sempre fixe».

Coliseu dos Recreios — A's 21 — Companhia de Circo.

Teatro Salão Foz — A's 21 — Variedades.

Teatro Joaquim d'Almeida — A's 20 e 21 — Cinema e variedades.

CINEMAS

Tivoli — Todas as noites animatôgrafo.

Salão Olympia — Todos os dias das 2,30 da tarde às 12,30 da noite. Sessões consecutivas de animatôgrafo e concerto musical. — Rua dos Condes.

Jardim Zoológico. — Exposição de animais.

ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos.

Pedidos a:

FRANCISCO LATTA

LARGO DO CONDE BARÃO, 55

Tabacaria e Kiosque

Milhares de curas



SE DEVEM AO HERPETOL

Unicoremedo eficaz para as doenças da PELE

Esta criança foi torturada por uma forte cernícha. Depois de ter usado várias pomadas e outros remédios que, aos poucos, a criança, resolveram consultar o médico, o qual recebeu um frasco de HERPETOL.

pele, que tinha a aparência escamosa muito irritada, formando a criança a um permanente coçar, logo as primeiras aplicações do HERPETOL sentiu-se sensivelmente aliviada, e antes de terminado um frasco todas as manifestações haviam desaparecido.

É recomendado em todos os casos de eczema humido e seco, manchas, erupções, espilhas em dor de insetos.

A venda em todas as farmácias e R. da Praia, 35, Lisboa, e na R. das Flores, 153, Porto.

Edições de A SEMENTEIRA

Práticas neo-maltusianas..... \$50

O sentido em que somos anarquistas..... \$50

A peste religiosa..... \$50

A Liberdade..... \$50

A Internacional (música e letra)..... \$30

Pedidos a A BATALHA ou no Caixa do Sodrê, 82

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10%

SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora..... \$3,11

Sapatos em vazio..... \$3,11

Botas pretas (grande salto)..... \$3,11

Botas brancas (grande salto)..... \$3,11

Grande salto de botas pretas..... \$3,11

Letras de couro para homem..... \$3,11

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a Casa de Sapatos.

Ver bem, pois só lá encontra bons sapatos.

A Social Operaria e sapatos da Casa de Sapatos, 18-24, com Filial na mesma casa, 18-24.

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapelários

Grande sortimento em chapéus, lã e mechas em cores lindíssimas, formados dos mais famosos fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE



Chapéus de lã e mechas em cores lindíssimas, formados dos mais famosos fabricantes estrangeiros

FLAMÃO

Chapéus de lã e mechas em cores lindíssimas, formados dos mais famosos fabricantes estrangeiros

A SOCIAL

Armazém e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS

Sede: 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.ª Sucursal: Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A

2.ª Sucursal: Rua do Corpo Santo, 29

3.ª Sucursal: Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56 52

FABRICA DE BONETS

Chapéus modais

Jaqueta (Exclusiva)

TUDO AOS MONTES



(A todos interessa)

Porto, Coimbra, Braga, Algarve, Alentejo, Ilhas, Brasil, Índia, Loanda, Moçambique, Congo, Guiné, etc.

Não tem agentes a casa

FREIRE, NEM QUERE

PREFERINDO DIRECTAMENTE aos frequentes pelos preços de 10% MAIS BARATO que é o que os agentes levam a mão. FAÇAM os seus pedidos directos para serem bem servidos e rápido a GRANDE FABRILCA onde se fazem essas lindas CHAPAS e que duram para sempre e letras esmaltadas para ruas, estabelecimentos, etc., embalam lindas e bonitas para Sports, clubes, medalhas para corridas (arregos de Barba), Gilettes mais baratas. Estojos de metal branco com máquina e lâminas Gilette. Sôco. Navilhas, máquinas para cortar cabelo, máquinas de 4 rolos para as afiar. Tesouros finos superiores a 1200 que outros vendem a 2000 e cunhas de 1000 permanentes com pena de ouro a 1400, que os outros vendem pelo dobro, canivetes CARIMBOS, numeradores a lâmina, a repelir o número até 12 vezes, ditos para cheques a 1400 o número e com data, adios em branco para as Juntas Paroquiais, câmaras e repartições, sinetes para laço e roupa, etc., alcaites de selar, marcas a fogo, etiquetas de metal para sardinha, fichas de metal para jogos, calças, fabricas, etc., lães lindos avelãs a Freire, em aço e ouro com braçolas e monogramas, cunhos importados da Portugal, chapas e letras para marcar caixotes e preços, lâmpadas e instalações eléctricas, isqueiros e pedras, etc., etc. UNICA na Europa completa. — A. L. Freire, 158 a 164, R. do Ouro — Telef. 2886 C. — Póçam a cobrança para tudo lhe se remeter.

“Arquitectura”

Revista mensal, acaba de sair o n.º 1. A venda na administração de A Batalha. Preço \$300, pelo correio \$360.

ESTE SEGURO IMPÕE-SE A TODOS OS TRABALHADORES

Todo o operário ou trabalhador por 33 CENTAVOS POR DIA garante aos seus, em caso de morte, um capital de ESC. 5.000\$000 pago imediatamente. Se economizar 58 CENTAVOS POR DIA DURANTE 30 ANOS garante para a sua velhice uma pensão de ESC. 100\$000 MENSAIS pagando enquanto for vivo.

Operários, trabalhadores, sede previdentes para com as vossas famílias e para com vós mesmos, segurando-vos em

A MUNDIAL

Companhia de Seguros Sede — Rua Garrett, 95 LISBOA

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

IMPORTANTE: Mediante um ligeiro sobre-prémio, A MUNDIAL põe-vos-há ao abrigo da DOENÇA E INVALIDEZ

Ameaça perigo!

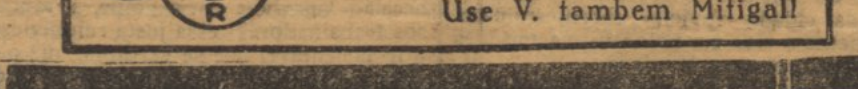
O ardor cutâneo intenso é tão incomodo como perigoso, pois na maioria dos casos é o precursor de numerosas enfermidades parasitárias da pele. Não obstante, friccionando a tempo as regiões afectadas de purido com o

Mitigal „Bayer“

suprime-se quasi sempre o perigo.

A eficácia do Mitigal em qualquer especie de comichão, assim como em todas as enfermidades parasitárias da pele (especialmente na sarna) é confirmada pelos médicos. Peça um dos interessantes folhetos explicativos que se dão em todas as farmácias.

Use V. tambem Mitigal



MADEIRAS DO BRAZIL

ADRIANO TELES, L.ª

Escritório e Armazens na sua propriedade da

Rua de S. João da Mata, 114 a 118

TELE (fone — T. 589 LISBOA)

NOVA REDUÇÃO DE PREÇOS PARA LIQUIDAÇÃO DE „STOCKS“

Aumento de descontos nas mercadorias pagas no acto da compra

MADEIRAS para mobiliários, construções civis e navais e o afamado

CARVALHO DO AMAZONAS

(para vasilhame)

cujos excelentes resultados são bem conhecidos das tanoarias de Lisboa, Porto, Oaia e muitas outras localidades da provincia. deve fazer as suas compras sem primeiro consultar os preços e visitar os Armazens desta casa.

Ninguem

PORTANTO, fixem bem este nome:

ADRIANO TELES, L.ª

e este número:

TRINDADE — 589 (cinco, oito, nove)

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 43 desta novela intitulada **Martinho**, de Federico Montseny. Preço, \$50 — Pedidos à administração de A Batalha.

SUCATAS

Compra-se toda a qualidade e quantidade de sucata de metais e ferro. RUA CAIS DO TOJO, 33 e 40 (ao Conde Barão).

ATENÇÃO!!!

Vendem-se directamente das fábricas ao público lanificios, assim como fatos por medidas em bons estambres desde 200, 250 e 300\$00. Fatos feitos para homem em casimira, em todas as medidas, desde 100, 120, 130 e 140\$00. Fatos feitos para rapaz desde 70\$00. Calças já feitas para homem em todas as medidas, desde 30, 35, 40 e 50\$00. Grande stock de casacos de senhora desde 80, 100, 120 e 140. Casa dos Lanificios. Calçada do Combro, 72-74.

Menstruação

Aparece rapidamente seja qual for a causa tomando o

FERREOL

Não p.e. indica a saúde. Caixa 15\$00. Envia-se pelo correio a cobrança.

FARMACIA CUNHA

R. da Escola Politécnica 16 e 18 LISBOA

POLICLINICA POPULAR

Rua Morais Soares, 114

Telef. 5460-N.

Cirurgia, Operações — Dr. Abel da Cunha — às 15 horas.

1.º Sítio, Intestinos e Fígado. Clínica Geral — Dr. Eduardo Neves — às 11, 12, 13 horas.

Coração e Pulmões. Clínica Médica — Dr. Leão da Silva — às 16 horas.

Doenças da boca e dentes — Dr. Gonçalves Vilela — das 9 às 11 horas.

Doenças das crianças — Dr. Fias de Matos — às 12 horas.

Doenças dos olhos — Dr. Sousa Aguiar — às 15 horas.

Pele e sífilis — Dr. Oliveira Feijó — às 11 horas.

Doenças das senhoras — Dr. Isabel Pereira — às 17, 18 horas.

Garganta, nariz e ouvidos — Dr. Gomes Coelho — às 10, 12 horas.

Rins e vias urinárias — Dr. Fontoura Madureira — às 9, 12 horas.

Raios X — Dr. Alen Saldanha.

Análises clínicas, vacinas

Policlinica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 93

TELEFONE N. 5353

Medicina, cirurgia e pulmões — Dr. Armando Nacisco — A's 6 horas.

Cirurgia, operações — Dr. Bernardo Vilar — 11 horas.

Rins e vias urinárias — Dr. Miguel Magalhães — 13 horas.

Pele e sífilis — Dr. Correia Figueiredo — 11 e 13 horas.

Doenças nervosas, electrotetrapia — Dr. R. Loll — 2 horas.

Doenças dos olhos — Dr. Mário de Matos — 2 horas.

Garganta, nariz e ouvidos — Dr. Mário Oliveira — 12 horas.

Estômago e intestinos — Dr. Mendes Belo — 11, 13 horas.

Doenças das crianças — Dr. Emilio Palma — 2 horas.

Doenças das senhoras — Dr. Filipe Munho — 12 horas.

Tratamento de diabetes — Dr. Ernesto Roma — 3 horas.

Boca e dentes — Dr. Armando Lima — 10 horas.

Raios X — Dr. Alen Saldanha — 1 hora.

Análises — Dr. Gabriela Beato — 1 hora.

Policlinica do Rato

Praça do Brasil, 45, 1.º

Telefone N. 1230

Dr. António Monteiro — 11 horas — Clínica geral, senhoras, crianças e partos.

Dr. João Gonçalves — 15 horas — Boca e dentes.

Dr. Lourenço Raimundo — 13 e meia — Rins e vias urinárias.

Dr. António Fernandes — 13 e meia — Medicina geral e doenças nervosas.

Dr. João Sataiva — 15 e meia — Doenças dos olhos.

Dr. Tavares do Couto — 15 e meia — Garganta, ouvidos e nariz.

Dr. João de Morais Sarmiento — 16 horas — Ginecologia e operações.

Dr. Rutil Saldanha — 17 horas — Pulmões, pele e sífilis.

Dr. José Crespo — 17 e meia — Clínica médica, estômago, intestinos e fígado.

Dr. Alen Saldanha Cruz — Raios X.

Análises clínicas, electrotetrapia, maçoagem e ginástica médica

La verdad sobre Jesus

por HAN RYNER

Conferência — controversia, realizada em 31 de Março de 1926, no Grande Salão das

“Societate Savantes” de Paris. — Tradução espanhola de Elizalde com um desenho na capa de Shum. — Preço 1\$60. — A venda na administração de A Batalha.

NAO COMPREM LIMAS OU GROSAS sem consultar

a Empresa de Limas União Tomé Feteira, L.ª

Sede em VIEIRA DE LEIRIA

Fabrico mecânico de todos os tipos e dimensões, em franca concorrência com as melhores marcas estrangeiras

EXPERIMENTAR É ADOPTAR — Visitem a nossa agência em Lisboa

Travessa do Fala S6, 9-B

TELEF. N. 3415

CALÇADO

Já Viram?

O portador deste anúncio tem direito a 10% de abatimento

38, RUA DE SÃO PAULO, 40

Companhia de diamantes de Angola

(DIAMANG)

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Com o capital de Esc. 9.000.000\$00 (ouro)

Direito exclusivo de pesquisas e extracção de diamantes na Província de Angola, por concessão do respectivo Governo

Sede Social: Lisboa, Rua dos Panqueiros, 12, 2.º — Teleg.: DIAMANG

ESCRITÓRIOS EM BRUXELAS, LONDRES E NOVA-YORK

Presidente do Conselho de Administração

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

Presidente dos Grupos Estrangeiros

MR. JEAN JADOT

Administrador-delegado

ERNESTO DE VILHENA

Representação e direcção técnica em Africa

REPRESENTANTE

Mr. H. T. Dickinson

DUNDO

LUNDA

momentos de atenção, para tratarmos desse quadro, a que o senhor porá o preço que quiser.

«Receba, sr. Martin, os protestos dos meus sentimentos mais respeitosos. — Oliveira, coronel do 7.º regimento de dragões, eajudante de campo do general Bonaparte.»

Martin, após um momento de reflexão, disse ao criado: — Diga a esse militar que espero o coronel esta manhã. (O criado saiu. Martin deu a carta de Oliveiros a João Lebreun).

Lebreun, depois de ter lido a carta — Os presentimentos de minha irmã não a enganaram. «Oliveiros, me dizia ela, ama as batalhas; vê na guerra um officio, um meio de chegar à fortuna. Orgulho e ambição.» Oliveiros é coronel e ajudante do general Bonaparte.

Martin — A encomenda do quadro é um pretexto para travar de novo conhecimento comigo, e tentar atrair-me ao partido do general.

Lebreun — Por mais penoso que seja para mim o encontrar-me com Oliveiros, quasi me felicito deste acaso; não occultarei a verdade a quem que foi meu aprendiz, e talvez, graças à influencia que outrora tive no seu espirito, consiga abrir-lhe os olhos para a luz.

Martin — Quero crer que ele se não terá mostrado ingrato para consigo. Sei o que ele deve à sua familia, e principalmente à dedicação de sua irmã.

Lebreun — Oliveiros escreveu-me algumas vezes de Itália, para me participar os seus progressos no exercicio; mas depois foi pouco a pouco deixando de escrever, e há perto de dois anos que não tenho noticias dele. Esquecimento e ingratidão.

Neste momento entrou Castillon, em companhia de Duchemin, antigo primeiro sargento de artilharia montada no exercito do Rheno e de Moselle. Duchemin trazia a sua farda com as divisas do seu posto, e o braço esquerdo ao peito; as suas feições, bronzeadas pelo sol do Egipto, pareciam as dum árabe.

Castillon, a Lebreun com a voz trémula de emo-

ção — Ah! amigo João!... (Não pode impedir-se de chorar de alegria.)

Lebreun, com efusão — Dá cá um abraço, meu velho Castillon, a quem venho encontrar tal qual o deixei, o melhor dos homens!

Lebreun e o seu antigo contra-mestre, depois de se terem abraçado cordealmente, trocaram algumas palavras em voz baixa, ao passo que Duchemin disse a Martin, que olhava para ele atentamente, como quem procura lembrar-se de alguma coisa:

— Não me conhece, capitão?

— Parece-me... que já nos encontrámos, replicou Martin.

Duchemin — O endiabrado sol do Egipto estragou-me a frescura das feições, sem o que o capitão havia de reconhecer o sargento Duchemin, artilheiro no exercito do Rheno e de Moselle, onde servimos ambos.

Martin, estendendo-lhe a mão — Ah! agora o reconheço, meu velho camarada. (Sorrindo). E a Carmagnole?... E o Alazão?...

Duchemin, suspirando — O meu pobre Alazão teve a sorte do Russo: morreu com um bravo cavalo de guerra, duma bala, na batalha de Altenkirchen. Quanto a Carmagnole, a minha bela boca de fogo, estorou de riso... a tirando uma triple carga de metralha aos austríacos, e eu, viúvo de Carmagnole, fui para o Oriente.

Martin — Fez então a guerra do Egipto?...

Duchemin — Por minha desgraça! Maldita guerra!... E Bonaparte, que fugiu sem dar cavaco?... Deixou o exercito só no campo!... Com mil raios! que gritos e que vociferações houve então contra o cabosinho, quando se soube que ele nos tinha abandonado!... Se o tivéssemos apanhado a geito, não era ele que voltava a França!...

Martin — Então saiu do Egipto depois dele?

Duchemin — Três dias depois, com os feridos que regressavam à França; o nosso navio teve a boa sorte de escapar aos cruzadores ingleses, e nós desembarcá-

mos em Toulon. Lá, eu pedi para vir convalescer em Paris, para tornar a ver o meu velho arrabalde António e os companheiros do 93. Já não há muitos desses, mas os que ainda são deste mundo são bons, e sólidos, como o camarada Castillon, um dos primeiros que encontrei no arrabalde. Ele disse-me que vinha a sua casa esta manhã, capitão, e eu, na minha qualidade de antigo soldado que serviu consigo, tomei a liberdade de o acompanhar.

Martin — E fez muito bem, deu-me grande prazer, camarada, são raros hoje os fieis de 93.

O criado, entrando — O sr. coronel Oliveiros pede para lhe falar, cidadão.

Martin — Manda entrar o coronel Oliveiros. (O criado saiu). Castillon e Duchemin, meus amigos, vão ao arrabalde António falar aos operários de Santerre.

Lebreun — E à noite estejam aqui,

A BATALHA

Quanto mais depressa uma ideia justa for semeada nos cérebros,
mais depressa terá probabilidades de realizar-se. —MALATO.



ACTUALIDADE NO ESTRANGEIRO

Relato de vários acontecimentos

Os Estados Unidos já pautaram a sua atitude na questão chinesa. A comissão de negócios estrangeiros do Parlamento decidiu que se propusesse ao presidente da República uma orientação política independente da de outros países. Espera-se que o governo norte-americano abra negociações que concluem pela firma de novos tratados com a China.

Os meios oficiais da política norte-americana manifestam a opinião de que os Estados Unidos não devem acompanhar o governo britânico na sua atitude ofensiva ou defensiva. Diz-se que a diplomacia americana considera bem diversos dos seus interesses ingleses na China, porquanto a Inglaterra tem concessões nesse país e os Estados Unidos não têm. São inevitáveis as divergências entre os dois governos imperialistas.

Apenas o governo americano conservará na China os seus navios de guerra, o que não poderá ter, é claro, intenções pacíficas.

Informações de origem inglesa

LONDRES, 29.—Foi recebida confirmação de que as propostas britânicas, baseadas no memorando de Dezembro acerca da política seguida em face da situação da China, foram entregues pelo sr. O'Malley a Eugene Chen em Hankow, e pelo sr. Nilles, ministro em Pequim, ao sr. Wellington Koo. Fazendo simultaneamente as suas propostas às autoridades chinesas do norte e do sul, o governo britânico manifesta a sua neutralidade entre as duas partes e os seus desejos de conciliação e política liberal para com a China.

Os meios bem informados afirmam que o governo inglês prepara um «modus-vivendi» com a China, baseando-se no policiamento das missões estrangeiras por agentes chineses e na responsabilidade absoluta do que de anormal se passar do governo de Cantão.

Segundo as notícias recebidas da China pelos jornais londrinos, os comerciantes britânicos de Kiating seguiram o exemplo dos de Hankow, reabrindo as portas dos seus estabelecimentos.

A situação mantém-se em sossego, tendo sido utilizados vários navios e batelões para a instalação das casas de comércio.

Em Ichang a situação mantém-se sem desenvolvimento, sendo, porém, na província de Haran mais tensa em virtude da atitude agressiva dos sindicatos operários.

Anuncia-se a próxima partida para Xangai de 8.500 homens de todas as armas. —(L.)

Uma greve de comerciantes

PEQUIM, 29.—Os comerciantes de Mukden recusam-se a pagar as sobretaxas de Washington estando as mercadorias confinadas à guarda duma força japonesa. —(L.)

A política burguesa

Comentários dos ingleses

LONDRES, 29.—The Times comentando a organização do novo gabinete alemão diz que a distribuição das pastas demonstra que as alterações sofridas pelo elenco ministerial foram apenas devidas à divergência de política interna, não devendo, portanto, a política externa do Reich sofrer qualquer desvio no caminho anteriormente traçado. —(L.)

Comentários franceses

PARIS, 29.—Foi decisiva a influência da cúria romana na constituição do novo gabinete alemão. O nuncio em Berlim, monsenhor Passetti manobrou de forma a afastar do poder todos os elementos hostis à concordata, que se mantém, bem como o ensino religioso nas escolas do estado. —(L.)

O que se passa entre franceses

PARIS, 29.—Na Câmara dos deputados o sr. Briand, respondendo a uma pergunta do sr. Denjardes, declarou que a França nenhum compromisso tomou acerca da ocupação da Renânia.

Na sessão desta manhã do comité militar, a que assistiu o marechal Foch, ficou assente transmitir à conferência dos embaixadores as novas propostas alemãs sobre o desarmamento. —(L.)

Os «botas de elástico»

ROMA, 29.—A inauguração oficial da Academia Italiana realizou-se há 21 de março, coincidindo com o aniversário da fundação de Roma. O sr. Mussolini nomeou mais 3 professores, entre os quais se conta Gabriel d'Annunzio. —(L.)

Um protesto de guerra

MADRID, 19.—Quando se fizer a convocação da assembleia nacional o ex-presidente do conselho Sanches Guerra lançará um manifesto protestando contra o novo regime, que exclui antigos parlamentares. —(L.)

A tolerância política

SOFIA, 29.—Foi assassinado o «leader» revolucionário macedônio, general Protogeroff. —(L.)

O jugo capitalista

A crise do capitalismo francês

PARIS, 29.—No decorrer do debate sobre o desemprego, o ministro do Trabalho expôs as medidas tomadas pelo governo para debater aquele mal com a abertura de obras, encerramento das fronteiras aos operários estrangeiros e aumento de socorros aos artífices nacionais.

A conhecida fábrica de automóveis Dion-Bouton vai encerrar as suas portas em consequência da falta de negócios, que se acentuou em dezembro e se agravou particularmente durante o corrente mês. —(L.)

Uma linha de navegação aérea

ROMA, 29.—O ministério da Aeronáutica concluiu um acordo com a Sociedade Aeronáutica do Adriático para o estabelecimento duma linha aérea Roma-Venezia-Viena, que será inaugurada no primeiro de fevereiro. A viagem de Roma a Viena será efectuada em 6 horas e meia. —(L.)

Os tesouros são atraentes

CALCUTTA, 29.—Do palácio do «maharajah» de Bharatpur foram roubadas joias

do valor de 80.000 libras. As autoridades efectuaram a prisão de dois indivíduos suspeitos de terem cometido o crime. —(L.)

A maré do desemprego

BERLIM, 29.—Durante a primeira quinzena do corrente mês, o número de desempregados aumentou em 92.000, elevando-se assim o seu total a 1.800.000. —(L.)

Uma intenção que não vinga

CEYLÃO, 29.—As autoridades anularam a sua deliberação de limitar o período da exportação da borracha. —(L.)

Pagar aos devedores...

AMSTERDÃO, 29.—A França entregará em 1.º de fevereiro, 25 milhões de florins do empréstimo holandês a vencer em julho de 1929. —(L.)

A guarda avançada

BRUXELAS, 29.—O Banco Nacional lançou ontem em circulação as primeiras notas de cem «belgas». —(L.)

Os males da humanidade

Um furacão nas ilhas britânicas

LONDRES, 29.—Um violento furacão assolou ontem as ilhas britânicas, causando grandes e importantes prejuízos.

No mar foi elevado o número de acidentes, tendo o vento atingido a velocidade de 102 milhas por hora.

No entanto, efectuaram-se todas as carreiras aéreas, tendo um piloto da linha de Colónia lutado durante bastante tempo com o vento.

O furacão moderou-se durante a noite, sendo substituído pela neve, continuando, porém, no canal da Mancha uma grande agitação no mar.

São conhecidos alguns pormenores das consequências do furacão que assolou a região de Giasgoz, derrubando pesados veículos, despedaçando chaminés, destelhando casas, etc.

O número de mortos nos arredores eleva-se a 8, os feridos a cerca de 100, tendo desaparecido 2 pessoas.

Na cidade ficaram soterradas 10 pessoas em duas habitações que se desmoronaram e no porto vários navios partiram as amarras.

O expresso Edinburg-Bernick foi detido pelo furacão durante 40 minutos, baluçando as carruagens doidamente, o que causou o maior pânico em todos os passageiros.

A epidemia de «influenza»

GENEVA, 29.—A repartição de saúde da Sociedade das Nações publicou o seguinte comunicado oficial acerca da marcha da epidemia de «influenza».

No sul e leste da Inglaterra, a epidemia manteve-se durante a terceira semana de Janeiro com carácter benigno, registando-se 470 mortos nas grandes cidades.

Na Hungria e Tchecoslováquia a epidemia manteve-se igualmente com aspecto benigno.

Na França, Bélgica, Espanha, Polónia e Noruega a «influenza» começa a diminuir de intensidade, registando-se dia a dia menor número de casos.

Na Rússia não há indícios de existência da epidemia.

No Japão o número de mortos na primeira semana do corrente mês elevou-se a 842. —(L.)

Uma grande seca

CIDADE DO CABO, 29.—A seca continua a assolar toda a África do Sul, tendo morrido à sede em Pietersburg, durante os últimos dias, 40.000 cabeças de gado. —(L.)

Desastre de aviação

LONDRES, 29.—Em Norburg despenhou-se um aeroplano, falecendo o respectivo piloto quando era conduzido ao hospital. —(L.)

Sescentas casas que ardem

TÓQUIO, 29.—Um formidável incêndio destruiu 600 casas em Bayasal. Ignora-se o número de vítimas. —(L.)

UMA FESTA SIMPÁTICA

promovida pela Universidade Nacional de Instrução e Educação

A segunda secção da Universidade Nacional de Instrução e Educação realiza hoje a sua primeira festa nas salas da Academia Recreativa do Comando Geral de Artilharia, na rua dos Remédios, 57-A, 2.ª, sendo as entradas grátis.

O programa constará do seguinte:
1.ª parte: Às 14 horas, conferência pelo professor A. Afonso; Concerto musical pela Troupe «Os Bichinhos»; Abertura da quermesse, seguindo-se um acto de variedades por distintos amadores.

2.ª parte: Abertura pela Troupe Musical «Os Encravados»; Representação duma peça teatral em 3 actos pelos distintos alunos da Escola de Arte de Representar Araújo Pereira; Variações à guitarra pelo distinto guitarrista Gonçalves Marques e seu violão Altino Martins. Canção Nacional pelos cultivadores Luis de Sousa, Paulo Nascimento, Gervásio de Sousa, José Diogo, Alberto Silva e Raúl Pinto.

3.ª parte: Abertura pela Troupe Musical «Os Encravados»; Representação duma peça teatral em 3 actos pelos distintos alunos da Escola de Arte de Representar Araújo Pereira; Variações à guitarra pelo distinto guitarrista Gonçalves Marques e seu violão Altino Martins. Canção Nacional pelos cultivadores Luis de Sousa, Paulo Nascimento, Gervásio de Sousa, José Diogo, Alberto Silva e Raúl Pinto.

4.ª parte: Abertura pela Troupe Musical «Os Encravados»; Representação duma peça teatral em 3 actos pelos distintos alunos da Escola de Arte de Representar Araújo Pereira; Variações à guitarra pelo distinto guitarrista Gonçalves Marques e seu violão Altino Martins. Canção Nacional pelos cultivadores Luis de Sousa, Paulo Nascimento, Gervásio de Sousa, José Diogo, Alberto Silva e Raúl Pinto.

5.ª parte: Abertura pela Troupe Musical «Os Encravados»; Representação duma peça teatral em 3 actos pelos distintos alunos da Escola de Arte de Representar Araújo Pereira; Variações à guitarra pelo distinto guitarrista Gonçalves Marques e seu violão Altino Martins. Canção Nacional pelos cultivadores Luis de Sousa, Paulo Nascimento, Gervásio de Sousa, José Diogo, Alberto Silva e Raúl Pinto.

6.ª parte: Abertura pela Troupe Musical «Os Encravados»; Representação duma peça teatral em 3 actos pelos distintos alunos da Escola de Arte de Representar Araújo Pereira; Variações à guitarra pelo distinto guitarrista Gonçalves Marques e seu violão Altino Martins. Canção Nacional pelos cultivadores Luis de Sousa, Paulo Nascimento, Gervásio de Sousa, José Diogo, Alberto Silva e Raúl Pinto.

7.ª parte: Abertura pela Troupe Musical «Os Encravados»; Representação duma peça teatral em 3 actos pelos distintos alunos da Escola de Arte de Representar Araújo Pereira; Variações à guitarra pelo distinto guitarrista Gonçalves Marques e seu violão Altino Martins. Canção Nacional pelos cultivadores Luis de Sousa, Paulo Nascimento, Gervásio de Sousa, José Diogo, Alberto Silva e Raúl Pinto.

8.ª parte: Abertura pela Troupe Musical «Os Encravados»; Representação duma peça teatral em 3 actos pelos distintos alunos da Escola de Arte de Representar Araújo Pereira; Variações à guitarra pelo distinto guitarrista Gonçalves Marques e seu violão Altino Martins. Canção Nacional pelos cultivadores Luis de Sousa, Paulo Nascimento, Gervásio de Sousa, José Diogo, Alberto Silva e Raúl Pinto.

9.ª parte: Abertura pela Troupe Musical «Os Encravados»; Representação duma peça teatral em 3 actos pelos distintos alunos da Escola de Arte de Representar Araújo Pereira; Variações à guitarra pelo distinto guitarrista Gonçalves Marques e seu violão Altino Martins. Canção Nacional pelos cultivadores Luis de Sousa, Paulo Nascimento, Gervásio de Sousa, José Diogo, Alberto Silva e Raúl Pinto.

10.ª parte: Abertura pela Troupe Musical «Os Encravados»; Representação duma peça teatral em 3 actos pelos distintos alunos da Escola de Arte de Representar Araújo Pereira; Variações à guitarra pelo distinto guitarrista Gonçalves Marques e seu violão Altino Martins. Canção Nacional pelos cultivadores Luis de Sousa, Paulo Nascimento, Gervásio de Sousa, José Diogo, Alberto Silva e Raúl Pinto.

RECORDAÇÕES

O 31 DE JANEIRO

I.—Ao «31 de Janeiro» andam ligadas duas datas: 1891 e 1912—que, embora gloriosas, representam fundamentalmente dois pensamentos opostos.

II.—O «pensamento» do 31 de Janeiro de 1891, apreciado sob o ponto de vista social, não é mais do que o desejo frenético da burguesia republicana e democrática—um tanto ou quanto influenciada pelos resquícios idealísticos dos homens de 1789 que, pela fiera, tinham chegado até nós—procurando emancipar-se da tutela monárquica, para, após o seu triunfo, arrebatar o Poder, com todos os seus atributos; e, da posse dele, impor ao povo a sua tutela.

III.—O pensamento do 31 de Janeiro de 1912 é o pensamento da classe proletária, idealista e sofredora, andrajosa e faminta, rasgando, em impetuosos audácios, o véu da ignorância, para atingir horizontes mais largos e mais vastos, onde a vida se possa manifestar em toda a sua pujança e beleza.

IV.—Em 1891, houve vencidos e vencedores; em 1912, a conclusão foi a mesma.

V.—Há, porém, uma diferença: os vencidos de 1891, foram os vencedores de 1912! As armas que, no Porto, impuseram o terror para defesa da coroa real, foram as mesmas que scintilham, em 1912, nas ruas de Lisboa, para defesa do barrete irrisório!

VI.—Em nome da razão de Estado, as tropas monárquicas reduziram aparentemente ao silêncio os revoltados que, nas ruas da cidade «Invicta», sacrificaram heroicamente a vida em holocausto a uma ideia que supunham ser a Verdade.

VII.—Após 21 anos, e em nome da mesma razão de Estado, as tropas republicanas pretenderam reduzir a um silêncio sepulcral os rebeldes que, nas ruas de Lisboa, arriscaram nobremente a vida, num movimento grandioso e espontâneo de solidariedade para com os rurais em greve. Era a ideia a tomar corpo e alma, energia e vitalidade.

VIII.—Mas o Estado é uno. Seja qual for a sua designação, os processos para se manter são idênticos: semelhantes: pode comparar-se à carne de vaca, que é servida de mil modos e de mil maneiras, isto é, conforme os gostos ou os paladares.

IX.—Aos homens de 1891—aos homens que prepararam a insurreição, bem entendido—movia-se principalmente um desejo: o desejo do mando; aos homens de 1912, impelia-os um pensamento sacrosanto: o pensamento da verdadeira liberdade, da verdadeira igualdade e da verdadeira fraternidade—os homens vivendo sob a Lei do amor, da solidariedade e do auxílio mútuo.

X.—Entre o desejo de 1891 e o pensamento de 1912, há um abismo insondável. Aquele desejo era manifestamente egoísta; este pensamento era significativamente altruísta. Ora o egoísmo cristaliza no princípio de autoridade; ao passo que o altruísmo vai cristalizar no polo oposto: na liberdade.

XI.—Admiramos, apesar-de tudo, o desejo dos revoltados de 1891; mas ajoelhamos como um crente em face do pensamento dos rebeldes de 1912.

XII.—Aqueles que se revoltam contra o existente, procurando modificá-lo num sentido evolutivo e progressivo, são dignos da nossa simpatia.

XIII.—Mas há revoltados e rebeldes. O revoltado procede, quase sempre, por instinto; o rebelde por intuição. 1891 teve revoltados; 1912 teve rebeldes. E quem vai a uma barricada deve levar uma arma na mão e uma ideia no cérebro.

XIV.—Os revoltados de 1891 queriam um Estado republicano; os rebeldes de 1912 queriam o pão e a abundância para todos—o homem livre e feliz, vivendo em pleno comunismo libertário.

XV.—O Estado é a personificação da desigualdade social. Os que vão para ele, defendendo-o ou justificando-o, podem resumir a sua «ideia» neste postulado: apear do pedestal uns tiñãos, para colocar outros tiranos no mesmo pedestal. Em resumo: foi este o «pensamento» dos homens de 1891.

XVI.—Muito mais nobre foi, pois, o pensamento dos homens de 1912. Mascaradamente belos no seu gesto, heróicamente sublimes no seu propósito, demonstraram a luz clara de «deus» sentiam, no seu íntimo, as fragâncias vivificas da liberdade! A greve geral que proclamaram e que efectivaram, pode comparar-se aos vãos intrépidos da água. Para essas criaturas, a quem a chama da ideia alimentava suculentemente, o caminho desenhava-se em linha recta, sem escolhas. E, quem sabe? Talvez que no seu cérebro germinasse a vaga e ilusória esperança de que os vencidos de 1891 tivessem qualquer coisa de rebeldes. Fantasiavam-se tantas coisas... Mas o adágio apareceu, de repente, frio, cruel, implacável: se queres ver o vilão, mete-lhe a vara do mando na mão. E, com efeito: os vencidos de ontem metamorfosearam-se nos carrascos de hoje. Para reprimir, o Estado era o mesmo. Apenas se tinha mudado o nome às personagens!

XVII.—Os vencidos, tornados vencedores, houveram-se de tal modo que provocaram um sentimento de repugnância geral. «Porquê? Porque o seu objectivo—o Estado—estava em perigo de morte, visto que a greve geral era dirigida contra ele e contra aqueles que vivem a expensas do trabalho alheio...»

XVIII.—Vivi as duas épocas—1891 e 1912. A primeira vivi-a aos sete anos de idade; a segunda aos vinte e oito. Da primeira, e apesar de criança, ainda tenho gravadas na mente algumas impressões. Ai vai uma delas, ao acaso:—Extintos os últimos ecos do tiroteio, serenados os ânimos por meio do terror, recolhidos aos seus aposentos as criaturas pacíficas, garantida a «ordem», a «propriedade» e mais partes adjacentes, entra alitivamente na casa de meus pais, as mãos e o rosto enegrecidos pelo fumo da pólvora, os olhos esgazoados, o lábio em desalinho, um parente meu. Vencido e apañado com as armas na mão, conseguira fugir do meio da escolta que o levava preso. Era militar. Tremia—não de medo pelas consequências do seu acto de revolta, mas pela incerteza do sítio em que se encontrava. Meu pai recebeu-o de mau humor e de sobrecena carregada. Exprobrou-lhe o procedimento, dizendo-lhe as últimas. Meu primo não articulava palavra: limitava-se a ouvir. No seu cérebro perpassava, certamente, a ideia do desterro, a morte pela fome ou pelos excessos do clima nas plagas africanas—em suma: a extinção da sua

PROPAGANDA SINDICAL

Uma importante sessão das classes da construção civil de Coimbra

COIMBRA, 28.—Conforme anunciamos, realizou-se hoje, no Sindicato Único da Construção Civil, uma sessão de propaganda sindical, com a assistência dum delegado da Delegação Confederal do Norte.

Com regular concorrência deu-se início à sessão, pelas 18 horas, sendo dada a palavra ao delegado, camarada Adolfo de Freitas.

O orador começa por se referir ao desinteresse que uma grande parte do operariado manifesta pelos seus organismos sindicais. Esta atitude reflecte-se na vida orgânica dos sindicatos, enfraquecendo-os, o que faz com que o sindicato não corresponda muitas vezes ao fim para que foi criado.

Referindo-se especialmente à construção civil, diz que esta classe, tendo um passado glorioso de luta, nas quais demonstrou a sua capacidade revolucionária, tem responsabilidades morais ligadas à propaganda, não devendo, por conseguinte, desmentir, hoje, esse passado em que tão energeticamente conseguiu reivindicar regalias que ainda hoje usufrui.

Essas regalias, porém, estão em grave risco de serem perdidas, se a classe não se resolver a sair da indiferença em que jaz imersa.

O horário de trabalho é uma das conquistas do operariado que a burguesia mais odeia, velando sempre na sombra para na ocasião oportuna dar o golpe, arrancando aos trabalhadores essa justa reivindicação.

E lamentável que se verifique, diz o orador, que lutando o operariado de todo o mundo há mais de 40 anos pelo horário das 8 horas, ainda hoje seja preciso andar a fazer propaganda para a sua defesa, além de haver muitas classes que ainda hoje não usufruem esse horário.

Espreia-se em considerações de ordem geral, tendentes a demonstrar o valor do operariado, quando unido dentro dos seus organismos sindicais, dando força aos organismos federativos, para que estes correspondam às necessidades do momento presente que é grave para a situação moral e material dos trabalhadores, terminando por apelar para a consciência da classe no sentido de se interessar pela vida do seu sindicato e colaborando na grande obra de renovação social que se está operando em todo o mundo.

A sessão terminou pelas 19 horas e 30.—C.

Serviço de Administração de A Batalha

Previnem-se todos os camaradas que a administração do nosso jornal se encontra aberta, todos os dias úteis, até às 23 horas.

vida que as balas dos adversários haviam querido poupar. Perante o mutismo daquele ardentíssimo «revolucionário», meu pai, que era um realista ferrenho, não se conteve: dando-lhe um repêlo, apontou-lhe a porta da rua e disse-lhe, num tom imperioso: —Ponha-se lá fora, seu malandro...

As crianças têm sempre do daqueles que sofrem as iras dos poderosos. Meu pai, naquele momento, era um poderoso. E eu, que tinha um amor cego por meu primo, como se ele fosse meu irmão, vali-me do único argumento que tinha: chorando, agarrei-lhe a mão e pedi-lhe, e implorei-lhe, que não o «mandasse embora». Meu pai, depois duma grande luta consigo próprio, aquiesceu. E, um tanto quebrado pela cólera, gritou:

—Pois fica p'r'aí com todos os diabos... E meu primo salvou-se da prisão, do tribunal e do desterro.

XIX.—Na segunda época, já era «homem feito», desempenhando o papel que me coube. Mas deu-se uma cena idêntica à da primeira época. Alguns perseguidos pelos beaguns republicanos de Lisboa e arredores vieram até ao Porto em procura de refúgio que a Capital lhes não oferecia. Mas não se apresentaram, como meu primo, em 1891. Não. Animados pela chama flamejante do Ideal, acompanhavam a mesma fé, o mesmo entusiasmo da luta: era como se viessem dum campo de batalha, cobertos de louros, cantando vitória. Recebi-os de braços abertos. As lágrimas de ontem, vertidas perante um vencido, tinham-se transformado, hoje, em arrebatamentos de alegria por poder prestar, enfim, o meu concurso à salvação daqueles que tinham sabido lutar com denodo e heroísmo, mas que eram vencidos!

XX.—Nas poucas horas de que dispunhamos, à noite, para conversar, que de projectos grandiosos delineávamos para engrandecimento da organização operária e revolucionária. Algumas vezes, no acaloramento da discussão, afigurava-se-me que, com o concurso desses pioneiros da liberdade, a sociedade livre, a sociedade dos iguais, estava ali, muito perto, bastando apenas deitar-lhe a mão... Porque todos queriam ser livres; porque todos reconheciam a necessidade imperiosa de se acabar com a autoridade, com o Estado, com as leis, enfim, com tudo que contribuisse para o aviltamento e sujeição da espécie humana aos dogmas, às gargalhadas, à exploração capitalista, ao fanatismo das religiões. Era preciso trabalhar afinadamente para se banir a política, os parlamentos, os governos, as chancelarias—em conclusão, fazer fábora-raza da sociedade actual para que surgisse, afinal, o reino da felicidade, pela organização comunista-libertária dos agregados humanos.

XXI.—Já lá vão quinze anos! Eu continuo no meu posto de combate. Mas, é os outros... Ah! sim, os outros, os que, nessa época eram ardentemente apaixonados pelo princípio de liberdade e afirmavam que o sindicalismo tinha por fim a extinção do salariedade, do patronato e do Estado? Alargaram, tanto têm ziguezagueado, que, hoje, desmentindo e amalgamando afirmações doutoras, pretendem ir à conquista da liberdade pelos tortuosos caminhos da escravidão. E, mais: querem unir a classe operária, desunindo-a; juntá-la num bloco, desagregando-a, triturando-a!

E já lá vão quinze anos... Espinho, 28-1-927.

Alves PEREIRA

VIDA SINDICAL

C. G. T.

Comité Confederal

Reúne amanhã, pelas 21 horas.

Conselho Confederal

No dia 13 do corrente reuniu o Conselho Confederal da C. G. T. sob a presidência de António Marcelino, secretariado por Américo Vilar e Emílio Santana.

Presentes: C. S. T. do Porto, U. S. O. de Faro e de Setúbal; Federações: Construção Civil, Rural, Curores e Peles, Ferroviária, Marítima e Fluvial, Alimentação; Sindicatos isolados: Mineiros.

Procede-se à leitura do Parecer sobre a redução da cota confederal, que foi admitido. Entrando-se na sua discussão Gomes do Amaral esclarece as razões por que se suspendeu o auxílio aos presos e também comunica que alguns organismos têm reclamado sobre o elevado custo da cota confederal.

Diz que os 10 por cento que ficam para o Conselho Jurídico são insuficientes para as necessidades do mesmo. Explica também porque se não pôde baixar o preço das cadernetas e verbetes, devido ao facto da Confederação as estar vendendo por preço inferior ao seu custo.

Silva Campos diz que há federações que não concordam com a redução da cota confederal, porém, há também organismos que lhes é difícil pagar a actual cota. O Conselho Jurídico tem despesas que não se podem evitar. Gostaria que o Comité descreminasse qual a percentagem do C. J. e qual a da cota.

Propõe para que o Comité, uma vez aprovados o Parecer, estabeleça essas indemnizações.

Alexio de Oliveira concorda com a redução da cota a pesar-de saber que a C. G. T. luta com dificuldades.

Referindo-se aos encargos do Conselho Jurídico diz que a pesar-de estarem suspensos os subsídios as suas despesas ainda são muito grandes, concordando também que se destine uma verba para o C. J.

Se há organismos que concordam com a actual cota confederal, outros há que não a podem pagar, como sucede com os trabalhadores rurais, é por esta razão que está de acordo com a diminuição da cota.

Almeida Marques, membro do Comité Confederal, também concorda com a redução da cota. Todo o trabalho de propaganda que a Confederação tem desenvolvido tem sido deficiente, e isto unicamente sucede pela escassez de receitas, e pelo facto de se não prestar auxílio aos presos a Confederação não se encontra mais desfogada.

Se a Confederação diminuir a sua cota não é pelo facto de que ela seja suficiente para as suas necessidades, mas sim pela força das circunstâncias.

A suspensão do auxílio aos presos não foi com carácter transitório, teve um carácter mais amplo, e até ao Congresso será assim. Entende que a C. G. T. não deve ter mais esse encargo, sendo muito possível que no próximo Congresso ela se desobrigue disso. As suas palavras não reflectem qualquer má opinião contra os presos sociais, ao contrário, gostaria que os presentes fossem a Monsanto e constatassem a péssima situação em que se encontra a maioria dos presos, onde alguns já têm passado fome, há até um preso que já por duas vezes tenta suicidar-se, e isto por não ter de comer, nem os seus.

Gomes do Amaral dá explicações sobre os organismos que desde o começo do ano requisitaram expediente.

Castelhano dá também algumas explicações sobre os motivos que levaram o Comité a propor a redução para 11 e não para 10.

Diz que há também deficiências do jornal e é a C. G. T. que suporta todos os encargos e os terá que suportar enquanto ele não tenha vida própria.

Alberto Dias em nome da delegação da F. C. abstém-se de declarar as razões que o levam a aceitar a redução; no entanto a redução facilitará os sindicatos andarem em dia com as suas cotizações.

Amaral diz que, se o Conselho entende, explica as razões que levaram o Comité a fixar o preço da cota em 11.

Campos mantém a opinião de que o Comité deve estabelecer a divisão da cota para o C. J. e a C. G. T.

O parecer foi a seguir aprovado por unanimidade.

Alexio de Oliveira requere que sejam submetidas à aprovação as propostas verbais das camaradas Almeida Marques e Silva Campos, a primeira referente à C. G. T. exercer junto dos organismos sindicais uma acção favorável à criação do Comité Nacional Pró-Presos e a segunda para que as percentagens a estabelecer ao Conselho Jurídico, A Batalha e Comité Confederal sejam estabelecidas depois de conhecido o movimento financeiro da C. G. T. durante o 1.º trimestre do corrente ano.

Almeida Marques explica a sua proposta. O documento de Alexio foi aprovado por unanimidade.

Na segunda parte da ordem de trabalhos, o «Parecer sobre a propaganda confederal» foi admitido e posto à discussão.

Rodrigues dos Santos diz que em tempos a Confederação para facilitar a propaganda no Norte, tinha criado a Delegação Confederal do Norte, a qual hoje se encontra desorganizada. Entende que o Comité Confederal deve convidar a C. S. T. do Porto a organizar a referida Delegação, a qual seria encarregada de desenvolver a propaganda no Norte.

Campos diz que também tencionava falar no assunto e isto foi-lhe sugerido pela leitura do extracto da C. S. T. do Porto: Considera que a pesar-da reorganização da Delegação do Norte, isso não obsta a que a C. G. T. envie um delegado directo às principais cidades do Norte, em companhia dum delegado do Norte e isto em virtude do estudo que se pretende fazer.

Entende que o Comité Conf